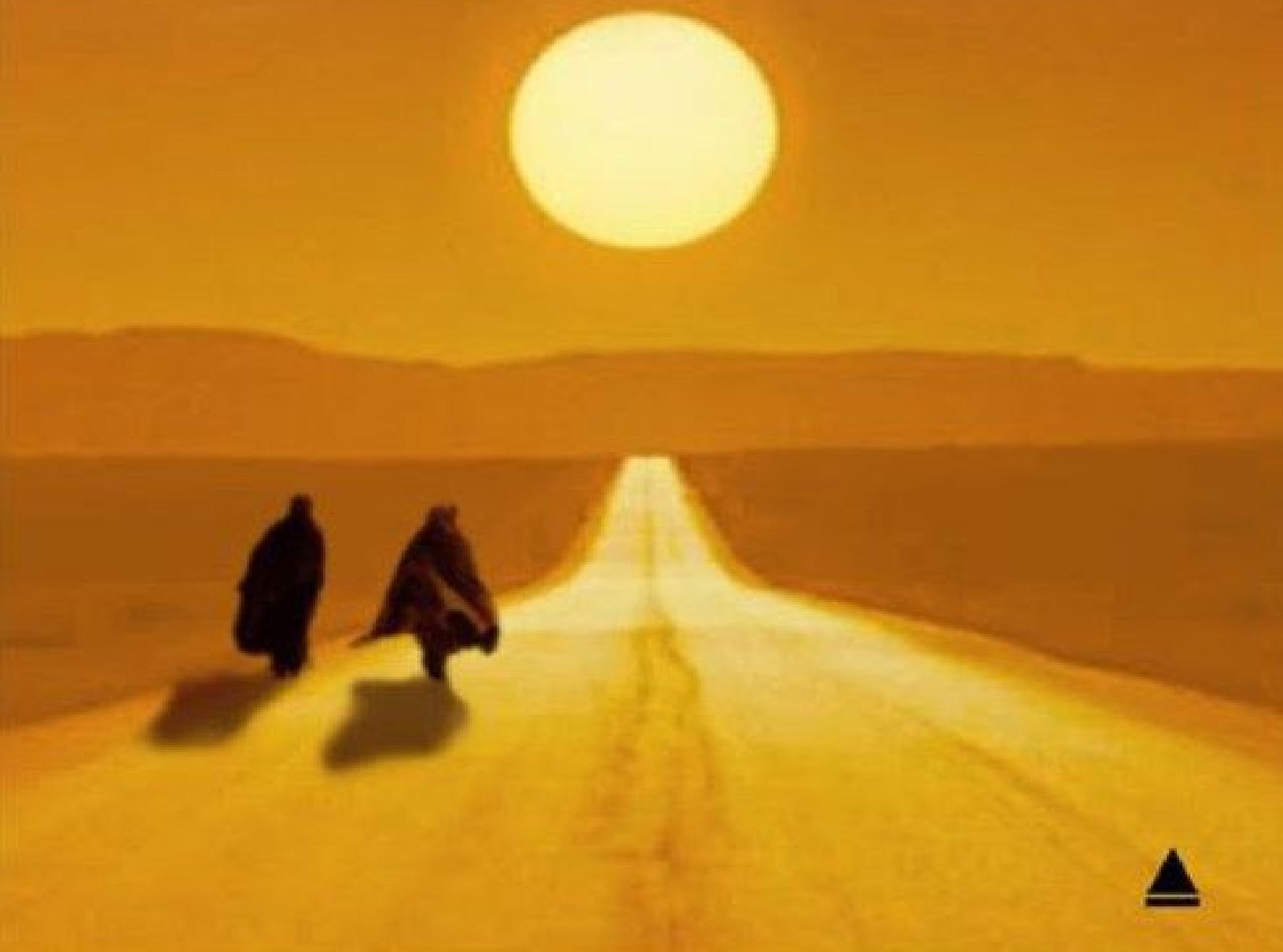


Khaled Hosseini

autor de **O caçador de pipas**

A cidade do sol

A Thousand Splendid Suns



KHALED HOSSEINI
A CIDADE DO SOL

Tradução de Maria Helena Rouanet

*Este livro é dedicado a Haris e Farah,
que são a noor dos meus olhos,
e às mulheres do Afeganistão.*

PARTE UM

1

MARIAM TINHA CINCO ANOS quando ouviu pela primeira vez a palavra *harami*.

Foi numa quinta-feira. Não poderia ter sido em outro dia, porque ela se lembrava de estar inquieta e preocupada, e só ficava assim às quintas-feiras, quando Jalil vinha visitá-la na *kolba* onde morava. Para passar o tempo, até a hora em que finalmente o veria, atravessando a grama da clareira, que lhe batia nos joelhos, e acenando para ela, Mariam desceu da prateleira o serviço de porcelana chinesa de Nana. Esse serviço de chá era a única relíquia que sua mãe tinha herdado de sua avó, que morreu quando Nana tinha dois anos de idade. Ela adorava cada uma daquelas peças de porcelana azul e branca: a curva graciosa do bico do bule, os pássaros e os crisântemos pintados a mão, o dragão do açucareiro, destinado a espantar os maus espíritos.

Foi esta última peça que escapuliu das mãos da menina e se espatifou no chão da *kolba*.

Quando Nana viu o açucareiro, seu rosto ficou vermelho, seu lábio superior começou a tremer e seus olhos, tanto o vesgo quanto o bom, se detiveram em Mariam de um jeito inexpressivo, sem sequer piscar. A mãe parecia tão furiosa que Mariam teve medo de que um *jinn* fosse se apoderar de seu corpo novamente. Mas o gênio não veio, não desta vez. O que aconteceu foi que Nana agarrou Mariam pelos pulsos, puxou-a para bem perto de si e disse, entre dentes:

— Você é uma *harami* desastrada. Vejam só a minha recompensa por tudo o que tive de agüentar: uma *harami* desastrada, que quebra a louça de família.

Na hora, Mariam não entendeu nada. Não conhecia aquela palavra, *harami*, e não sabia que significava "bastarda". Tampouco tinha idade suficiente para avaliar aquela injustiça, para ver que a culpa é dos que geram os *harami*, e não dessas crianças cujo único pecado foi ter nascido.

É claro que, pelo jeito como Nana disse aquela palavra, a menina deduziu que ser *harami* era uma coisa ruim, repugnante, como um inseto, como aquelas baratas que a mãe estava sempre maldizendo e varrendo para

fora da *kolba*.

Tempos depois, já mais velha, entendeu enfim. Foi o jeito como Nana pronunciou a palavra — quase como se a cuspsse na sua cara — que fez com que Mariam se sentisse atingida por ela. Então entendeu o que a mãe estava querendo dizer, que um *harami* era algo indesejável, que ela, Manam, era um ser ilegítimo que nunca teria condições de exigir o que as outras pessoas possuíam, como amor, família, aceitação ou mesmo um lar.

Jalil nunca a chamava assim. Dizia que ela era a sua florzinha. Gostava de pega-la no colo e lhe contar histórias, como daquela vez que lhe contou que Herat, a cidade onde Mariam nasceu em 1959, foi o berço da cultura persa, onde viviam escritores, pintores e sufis.

— Era impossível esticar a perna sem dar um chute no traseiro de um poeta — disse ele. Rindo.

Jalil lhe contou também a história da rainha Gauhar Shad, que, no século XV, mandou erguer os célebres minaretes da cidade como uma ode de amor a Herat. Ele descreveu os trigais verdejantes que a cercavam, os seus pomares, os seus vinhedos carregados de frutos, os seus bazares abobadados e repletos de gente.

— Ha um pé de pistache, Mariam *jo* — disse-lhe um dia Jalil —, debaixo do qual esta enterrado ninguém menos que o grande poeta Jami. — Inclinou-se para frente e sussurrou: — Jami viveu há cerca de quinhentos anos. E verdade. Levei você até lá uma vez, para ver a árvore. Você era bem pequena. Não deve se lembrar.

Ele tinha razão. Manam não se lembrava disso. E, embora tenha passado os primeiros 15 anos de sua vida nos arredores de Herat, nunca viu essa celebre árvore. Nunca viu os famosos minaretes de perto, nunca colheu frutos dos pomares da cidade ou passeou pelos seus campos de trigo. Mas sempre que Jalil contava aquelas histórias, Mariam o ouvia, encantada. Admirava Jalil pelo tanto que conhecia do mundo. Estremecia de orgulho por ter um pai que sabia tantas coisas.

— Quantas mentiras! — exclamou Nana depois que Jalil tinha ido embora. — Um ricaço mentiroso, é isso que ele é! Nunca levou você para ver árvore nenhuma. E não se deixe seduzir. O seu adorado paizinho nos traiu. Ele nos expulsou, nos botou para fora da sua bela casa como se não valêssemos nada. E fez isso feliz e contente.

Mariam só ficava ouvindo, sem nenhuma convicção. Nunca teve

coragem de dizer a Nana que não gostava nada, nada de vê-la falar assim de Jalil. Na verdade, perto dele, não se sentia uma *harami*. Toda quinta-feira, por uma ou duas horas, quando Jalil vinha vê-la, todo sorrisos e cheio de presentes e carinhos, Mariam se sentia digna das belezas e das coisas boas que a vida tinha para oferecer. E, por isso, amava Jalil.

Mesmo tendo que dividi-lo com outras pessoas.

Jalil tinha três esposas e nove filhos, nove filhos legítimos, e Mariam não conhecia nenhum deles. Era um dos homens mais ricos de Herat. Era dono de um cinema, que Mariam jamais tinha visto, mas que Jalil descreveu para ela depois de muita insistência da menina. Portanto, conhecia a fachada de azulejos azuis e terracota, sabia que tinha um balcão com lugares privativos e um teto de treliça. E conhecia também as portas de duas folhas que se abriam para um saguão azulejado onde havia pôsteres de filmes indianos em vitrines emolduradas. Às terças-feiras, segundo lhe disse Jalil, as crianças podiam tomar sorvete de graça na *bombonière*.

Nana ouviu isso com um sorriso de desdém. Esperou ele sair da *kolba* para dizer, com uma risadinha:

— Os filhos dos estranhos ganham sorvete. E para você, Mariam, o que ele tem a dar? Histórias de sorvete...

Além do cinema, Jalil também era proprietário de terras em Karokh e em Farah, tinha três lojas de tapetes, uma de roupas e um Buick Roadmaster preto, modelo 1956. Era um dos homens mais bem relacionados de Herat, amigo do prefeito e do governador da província. Tinha uma cozinheira, um motorista e três empregadas.

Nana havia sido uma dessas empregadas. Até a sua barriga começar a crescer.

Quando isso aconteceu, nas palavras da própria Nana, a sufocação coletiva da família de Jalil foi tão grande que parecia até que toda Herat tinha ficado sem ar. Seus sogros e cunhados juraram que haveria derramamento de sangue. Suas esposas exigiram que ele a pusesse para fora daquela casa, O próprio pai de Nana, um humilde entalhador de Gul Daman, uma aldeia vizinha, a repudiou. Vendo-se caído em desgraça, fez as malas e embarcou num ônibus para o Irã. E nunca mais se ouviu falar dele.

— Às vezes — disse-lhe Nana certa manhã, bem cedinho, enquanto alimentava as galinhas no quintal da *kolba* — gostaria que meu pai tivesse sido homem bastante para afiar um dos seus cinzéis e tomar a atitude mais

honrada. Teria sido melhor para mim. — Atirou mais um punhado de grãos no cercado, fez uma pausa, e olhou para a filha. — E acho que não só para mim. Você teria sido poupada da dor de saber que é o que é. Mas meu pai era um covarde. Não tinha tido, não tinha coragem para tanto.

Nem Jalil, acrescentou Nana. Ele também não teve coragem de agir como um homem honrado, enfrentando a família, as esposas, os sogros e os cunhados, e assumindo a responsabilidade por seus atos. Tudo o que fizeram foi chegar a um acordo, a portas fechadas, para salvar as aparências.

Logo no dia seguinte, Jalil mandou que ela juntasse os seus poucos pertences lá no quarto das empregadas e fosse embora.

— Sabe o que ele disse as suas esposas para se defender? Que fui eu quem *forcei* aquela situação. A culpa era minha. *Didi?* Está vendo só? Isso e que e ser mulher neste mundo.

Nana pôs no chão a tigela com a comida das galinhas e ergueu o rosto de Manam com um dos dedos.

— Olhe para mim.

A menina obedeceu, com alguma relutância.

— Aprenda isso de uma vez por todas, filha: assim como uma bússola precisa apontar para o norte, assim também o dedo acusador de um homem sempre encontra uma mulher a sua frente. Sempre. Nunca se esqueça disso, Mariam.

2

PARA JALIL E SUAS ESPOSAS, eu era uma erva-de-passarinho. Uma ciganinha. Nós duas éramos. E olhe que você ainda nem tinha nascido.

— O que é uma ciganinha? — indagou Mariam.

— É uma planta — disse Nana. — Das que a gente arranca e joga fora.

Mariam fez cara feia por dentro. Jalil não a tratava como uma planta assim. Nunca. Mas a menina achou que era melhor ficar calada.

— Só que, à diferença dessas ervas daninhas, eu tinha de ser replantada, entende, e tinha que receber água e comida. Por sua causa. Foi isso que ele combinou com a família — disse Nana, acrescentando que tinha se recusado a ficar morando em Herat. — Para quê? Para vê-lo passar de carro pela cidade, com suas esposas *kinchini*?

Disse ainda que tampouco quis morar na casa de seu pai, na aldeia de Gul Daman, que ficava no alto de uma colina, a dois quilômetros ao norte de Herat. Preferiu ir viver num lugar afastado, distante, onde os vizinhos não ficariam olhando para a sua barriga, apontando para ela na rua, rindo, ou, o que seria ainda pior, cercando-a de uma gentileza que não era sincera.

— E acredite — acrescentou Nana —, o seu pai ficou muito aliviado por me ter bem longe. Foi a decisão perfeita para ele.

Foi Muhsin, o filho mais velho de Jalil com sua primeira esposa, Khadija, quem sugeriu aquela clareira que ficava nos arredores de Gul Daman. Para se chegar até lá, era preciso pegar uma estradinha de terra que subia morro acima saindo da estrada que ligava Herat ao vilarejo. A tal estradinha era bordejada de um capim alto, pontilhado de flores brancas e amarelas. Ia serpenteando pela encosta da colina até desembocar num terreno plano recoberto de choupos, faias e tufos de arbustos silvestres. Lá de cima, avistavam-se as pás enferrujadas do moinho de vento de Gul Daman, à esquerda, e, à direita, estendia-se a cidade de Herat. O caminho ia dar pertinho de um riacho bem largo e repleto de trutas que descia das montanhas Safid-koh ao redor de Gul Daman. Cerca de duzentos metros acima, havia um pequeno bosque de salgueiros-chorões e, bem no meio, à sombra das árvores, ficava a clareira.

Jalil foi até lá para ver o local. Quando voltou, disse Nana, parecia um carcereiro se vangloriando das paredes impecáveis e do piso reluzente da sua cadeia.

— E foi assim que o seu pai construiu essa toca de ratos para nós.

Quando tinha 15 anos, Nana quase se casou. O pretendente era um rapaz de Shindand. Um jovem vendedor de periquitos. Foi ela própria quem contou essa história a Mariam e, embora a mãe parecesse menosprezar o episódio, a menina bem sabia, pelo brilho melancólico que via em seus olhos, que ela tinha sido feliz. Pela única vez na vida, talvez, nos dias que antecederam esse tal casamento, Nana tinha sido genuinamente feliz.

Quando a mãe lhe contou essa história, Mariam se sentou no seu colo e ficou imaginando Nana sendo preparada para se vestir de noiva. Pode vê-la a cavalo, sorrindo timidamente sob o véu de seu traje verde, as palmas das mãos pintadas com hena vermelha, o repartido do cabelo enfeitado com purpurina prateada, as tranças impregnadas de seiva de árvore. Viu também músicos tocando a flauta *shahnai* e os tambores *dohol*, as crianças gritando e acompanhando o cortejo pelas ruas.

Só que, uma semana antes da data marcada, um *jinn* penetrou no corpo de Nana. Ninguém precisava descrever para Mariam essa parte da história, pois a menina já havia testemunhado a cena com os próprios olhos, inúmeras vezes: Nana caindo no chão de repente, com o corpo todo se enrijecendo, os olhos se revirando, os braços e as pernas tremendo, como se algo a estivesse sufocando por dentro, e, nos cantos da boca, aquela espuma branca, por vezes rosada de sangue. Depois, vinha aquele torpor, aquele desnorteamento assustador, aqueles murmúrios incoerentes.

Quando a notícia chegou a Shindand, a família do vendedor de periquitos cancelou o casamento. "Eles ficaram apavorados", como disse a própria Nana.

O vestido de noiva foi enfiado em algum lugar. E, desde então, não apareceu mais nenhum pretendente.

Na clareira, Jalil e dois de seus filhos, Farhad e Muhsin, construíram a pequena *kolba* onde Mariam viveria os primeiros 15 anos de sua vida. O casebre era feito de tijolos rústicos e recoberto de barro com punhados de palha. Lá dentro, havia dois catres, uma mesa de madeira, duas cadeiras de encosto reto, uma janela e algumas prateleiras pregadas na parede, onde Nana guardava os potes de argila e o seu tão amado jogo de porcelana chinesa. Jalil

instalou ali um fogareiro de ferro para o inverno e fez uma cerca de toras de madeira nos fundos da cabana. Pôs ainda um *tandoor* no quintal, para elas assarem o pão, e fez um galinheiro com uma cerca. Comprou uns poucos carneiros e construiu um cocho para os animais. Mandou Farhad e Muhsin cavarem um buraco bem fundo a uns duzentos metros do círculo de salgueiros, e construiu uma latrina no local.

Jalil podia ter contratado operários para a construção da *kolba*, observou Nana, mas não contratou.

— Para ele, aquilo era uma espécie de penitência — disse ela.

Pelo que Nana dizia, no dia em que Mariam nasceu não apareceu ninguém para ajudar. Foi num daqueles dias úmidos e nublados da primavera de 1959, no vigésimo sexto dos quarenta anos, em sua maioria tranqüilos, do reinado de Zahir Shah. Jalil não se deu o trabalho de chamar um médico, ou sequer uma parteira, acrescentou ela, embora soubesse que o *jinn* poderia penetrar no seu corpo e provocar uma daquelas convulsões no momento do parto. Nana ficou ali sozinha, deitada no chão da *kolba*, com uma faca ao seu lado e o corpo banhado em suor.

— Quando a dor piorava, eu mordida um travesseiro e gritava até ficar rouca. Mesmo assim, não aparecia ninguém para enxugar o meu rosto ou me dar um gole de água. E você, Mariam jo, parecia não ter pressa alguma. Por quase dois dias, você me fez ficar ali deitada, naquele chão frio e duro. Não comi nem bebi nada. Só fazia força e rezava para você sair.

— Sinto muito, Nana.

— Cortei o cordão que nos ligava. Foi para isso que peguei a faca.

— Sinto muito, Nana.

Nesse momento, Nana sempre esboçava um sorriso sofrido, e Mariam não sabia ao certo se aquilo significava uma recriminação persistente ou um perdão relutante. Não passava pela cabeça da menina como era injusto pedir desculpas pela maneira como nasceu.

Quando isso finalmente aconteceu, lá por volta dos seus dez anos, Mariam deixou de acreditar naquela história do seu nascimento. Acreditava sim na versão de Jalil que lhe disse que, mesmo estando longe, tinha conseguido mandar Nana para um hospital em Herat, onde ela seria atendida por médicos e teria uma cama limpa e decente num quarto bem iluminado. Jalil abanou a cabeça tristemente quando a garota mencionou o detalhe da faca.

Mariam passou também a duvidar de que tivesse feito a mãe sofrer por dois dias seguidos.

— Pelo que me contaram o parto durou, ao todo, menos de uma hora — disse Jalil. — Você sempre foi uma boa filha, Mariam jo. Mesmo na hora de nascer foi uma boa filha.

— Ele nem estava aqui! — esbravejou Nana. — Estava em Takht-e-safar, andando a cavalo com seus amiguinhos queridos.

Quando lhe disseram que era uma menina, acrescentou Nana, Jalil deu de ombros, continuou a escovar a crina do cavalo e ficou mais duas semanas em Takht-e-safar.

— Na verdade, ele sequer a pegou no colo até que você tivesse completado um mês. E, mesmo assim, apenas a olhou, comentou que você tinha um rosto comprido e a devolveu para mim.

Mariam acabou desacreditando também dessa parte da história. Jalil admitia que estava cavalgando em Takht-e-safar, mas, quando chegou a notícia, não se limitou a dar de ombros. Pulou no cavalo e voltou para Herat. Embalou a filha nos braços, passou o dedo por aquelas sobrancelhas ralas, cantarolou uma cantiga de ninar. Mariam não conseguia imaginar Jalil dizendo que ela tinha um rosto comprido, embora fosse verdade.

Nana disse que foi ela que escolheu o nome Mariam, porque era o de sua mãe.

— Quem escolheu fui eu — disse Jalil —, porque, na nossa língua, esse é o nome de uma linda flor.

— A sua favorita? — indagou a menina.

— Bom, uma delas — respondeu ele, sorrindo.

3

UMA DAS LEMBRANÇAS MAIS REMOTAS de Mariam era o chiado das rodas de um carrinho de mão sacolejando pelas pedras do chão. Uma vez por mês, lá vinha ele, carregado de arroz, farinha, chá, açúcar, óleo, sabão, pasta de dentes. Dois de seus meio-irmãos o traziam; geralmente, Muhsin e Ramin, às vezes Ramin e Farhad. Na estradinha de terra, passando por pedras e seixos, contornando buracos e arbustos, os meninos se revezavam empurrando o carrinho até chegarem ao riacho. Ali, paravam e tinham que atravessar, levando os pacotes nos braços. Depois, era a vez do carrinho que, ao chegar do outro lado, voltava a ser carregado. Tinham, então, mais uns duzentos metros pela frente, desta feita empurrando o veículo em meio ao mato alto, denso, e por entre as moitas cerradas. Sapos pulavam a sua frente. Os dois irmãos tinham que se abanar com as mãos, para afastar os mosquitos do rosto suado.

— Ele tem empregados — observou Mariam. — Podia mandar um deles...

— Para ele, isso é uma espécie de penitência — retrucou Nana.

O barulho do carrinho levava mãe e filha lá para fora. Mariam nunca se esqueceria do jeito que Nana ficava no dia em que os mantimentos chegavam: aquela mulher alta e magra, descalça, apoiada no umbral da porta, com aquele olho meio fechado, parecendo apenas uma fenda, e os braços cruzados, numa pose desafiadora e debochada. Já que ficava com a cabeça descoberta, o sol batia em seu cabelo crespo, cortado curtinho e despenteado. Usava uma bata cinza mal-ajambrada e abotoada até o pescoço. E tinha os bolsos cheios de pedras grandes como nozes.

Os rapazes ficavam sentados no chão, junto do riacho, esperando que mãe e filha levassem os mantimentos para dentro da *kolba*. Sabiam que era mais prudente manter uma distância de uns trinta metros, embora a pontaria de Nana fosse bem ruim, e a maioria das pedras caísse longe do alvo visado. Enquanto ia levando as coisas para casa, a mulher ficava gritando, chamando os meninos de uns nomes que Mariam não conhecia. Amaldiçoava suas mães, fazia caretas terríveis para os dois. Nenhum deles jamais revidou aqueles insultos.

Mariam tinha pena dos garotos. "Deviam ficar com as pernas e os braços tão cansados empurrando aquela carga pesada...", pensava ela. Adoraria poder lhes oferecer um copo de água. Mas não dizia nada, e, se os dois acenavam na hora de ir embora, nem respondia. Uma vez, para agradecer Nana, chegou até a gritar com Muhsin, dizendo que sua boca parecia o traseiro de um lagarto. Depois, ficou com vergonha, culpadíssima, e teve medo que ele contasse tudo para Jalil. Já Nana riu tanto, mostrando todos aqueles dentes da frente estragados, que Mariam achou que ela poderia ter um dos seus ataques. Depois que parou de rir, olhou para a menina e disse:

— Você é uma boa filha.

Quando o carrinho estava vazio, os meninos o apanhavam e iam embora. Mariam ficava parada ali, esperando eles desaparecerem em meio ao mato alto e florido.

— Vamos entrar?

— Claro, Nana.

— Eles estão rindo de você. Estão, sim. Dá para ouvir daqui.

— Já estou indo.

— Não acredita, não é?

— Pronto, Nana.

— Amo você, sabe, Mariam jo?

Toda manhã, as duas acordavam com o balido dos carneiros, ao longe, e o som estridente da flauta que os pastores de Gul Daman tocavam ao levar seus rebanhos para pastar nas colinas. Mariam e Nana ordenhavam as cabras, davam comida às galinhas e recolhiam os ovos. Faziam pão juntas. A menina aprendeu com Nana a sovar a massa, acender o *tandoor* e espalhar a massa lá dentro. Com ela também aprendeu a costurar e a fazer arroz com vários acompanhamentos: *shalqam* cozido com nabos, *sabzi* de espinafre, couve-flor com gengibre.

Nana não escondia de ninguém o quanto lhe desagradava a idéia de receber visitas — na verdade, não gostava de gente em geral —, mas abria uma exceção para uns poucos escolhidos. Havia Habib Khan, o *arbab* da aldeia, o líder da comunidade de Gul Daman, um sujeito barbudo, com uma cabeça miúda e uma barriga proeminente, que vinha vê-las mais ou menos uma vez por mês, sempre acompanhado de um criado que trazia uma galinha, uma tigela de arroz *kicbiri* ou um cesto com ovos tingidos para Manam.

Havia uma velha rechonchuda, que Nana chamava de Bibi jo, cujo

falecido mando também tinha sido entalhador e amigo de seu pai. Bibi 10 andava sempre acompanhada por uma de suas noras e um ou dois de seus netos. La vinha ela ate a clareira, mancando e resmungando, e, invariavelmente, fazia uma verdadeira encenação, esfregando os quadris e gemendo, ao se sentar na cadeira que Nana lhe oferecia. Bibi jo também trazia alguma coisa para Mariam, como uma caixinha de balas *dishlemeh* ou uma cesta de marmelos. Para Nana reservava, antes de mais nada, suas queixas sobre problemas de saúde, e, depois, mexericos envolvendo gente de Herat e Gul Daman, histórias que ela narrava em detalhe e com o maior prazer, enquanto sua nora ficava às suas costas, só ouvindo, com ar de incredulidade.

Mas a visita preferida de Mariam, além de Jalil, é claro, era o mulá Faizullah, o mais velho dos *akhund*, os guardiões do Corão na aldeia. Uma ou duas vezes por semana, ele vinha de Gul Daman para ensinar a Mariam as cinco preces *namaz* diárias e iniciar a menina na recitação do Corão, exatamente como havia feito quando Nana era criança. Foi o mulá Faizullah quem ensinou Mariam a ler. Ficava parado ali, atrás dela, olhando com toda paciência por cima de seus ombros enquanto os lábios da menina iam articulando as palavras, sem emitir som algum, fazendo tanta força com o dedo que a unha chegava a ficar esbranquiçada, como se fosse possível espremer assim o sentido de cada um daqueles símbolos. Foi o mulá Faizullah quem pegou a mão de Mariam, guiando o lápis para traçar o contorno de cada *alef*, a curva de cada *beh*, os três pontinhos de cada *seh*.

Era um homem magro e encurvado, com um sorriso desdentado e uma barba branca que lhe batia no umbigo. Em geral, vinha sozinho até a *kolba*; às vezes, porém, trazia consigo o filho Hamza, um menino de cabelo avermelhado, pouco mais velho que Mariam. Quando o mulá chegava, Mariam beijava a sua mão — era como beijar um feixe de gravetos recoberto por uma fina camada de pele — e ele lhe dava um beijo na testa. Só então entravam, para começar a lição do dia. Mais tarde, sentavam-se ambos do lado de fora da *kolba*, comendo pinhões, tomando chá verde e observando os pássaros *bulbuls* que voavam apressados de uma árvore a outra. De vez em quando, iam passear em direção às montanhas, margeando o riacho, andando por entre os tufos de amieiro e pisando nas folhas de bronze caídas pelo chão. O mulá Faizullah ia desfiando as contas do rosário *tasbeh* e, com aquela voz trêmula, contava à menina histórias de coisas que tinha visto na juventude,

como a cobra de duas cabeças que encontrou no Irã, na ponte dos Trinta e Três Arcos, em Isfahan, ou a melancia que cortou diante da Mesquita Azul, em Mazar, e cujas sementes escreviam as palavras *Allak*, de um lado, e *Akbar*, do outro, formando a expressão *Allah-u-Akbar*, "Deus é grande".

O mulá admitiu para Mariam que, por vezes, não compreendia o sentido das palavras do Corão, mas gostava dos sons encantatórios das palavras árabes que pareciam rolar em sua língua. Disse ainda que elas lhe traziam conforto, apaziguavam o seu coração.

— Elas vão fazer isso por você também, Mariam *jo* — observou ele. — Sempre pode evocá-las em caso de necessidade, e elas não vão lhe faltar. As palavras de Deus nunca vão traí-la, minha menina.

Além de contar histórias, o mulá também sabia ouvi-las. Quando Mariam falava, sua atenção nunca se desviava. Ele ficava assentindo ligeiramente com a cabeça, e sorria com um ar de gratidão, como se estivesse sendo digno de um privilégio dos mais cobiçados. Era fácil lhe contar coisas que nunca teria coragem de dizer a Nana.

Um dia, quando passeavam, Mariam lhe disse que adoraria poder ir para um colégio.

— Um colégio de verdade, *akhund sahib*, daqueles que têm salas de aula. Como fazem os outros filhos de meu pai.

O mulá parou.

Uma semana antes, Bibi *jo* tinha contado que Saideh e Nahid, filhas de Jalil, iam para a Escola Mehri, um colégio para meninas em Herat.

Desde então, começaram a passar pela cabeça de Mariam imagens de salas de aula e professores, cadernos com páginas pautadas, colunas de números e canetas que traçavam linhas fortes e escuras. Podia ver a si mesma numa dessas salas, junto com outras garotas da sua idade. Morria de vontade de pôr uma régua numa página em branco e traçar, ali, aquelas linhas que pareciam tão importantes.

— É isso que você quer? — indagou o mulá Faizullah, fitando-a com aqueles seus olhos brandos e úmidos, as mãos cruzadas nas costas encurvadas e a sombra do turbante se projetando sobre um canteiro cheio de botões-de-ouro.

— E.

— E quer que eu peça permissão para sua mãe?

Mariam sorriu. Além de Jalil, achava que não havia ninguém no

mundo capaz de entendê-la tão bem quanto o seu velho professor.

— Então, o que posso fazer? Deus, em sua sabedoria, deu a cada um de nos algumas fraquezas, e, entre as tantas que possuo, está a incapacidade de recusar algo a você, Mariam *jo* — disse ele, dando-lhe umas palmadinhas no rosto com os dedos deformados pela artrite.

Mais tarde, porém, quando o mulá tocou no assunto com Nana, a mulher largou a faca que estava usando para cortar cebolas e perguntou:

— Para que?

— Se a menina quer aprender, minha cara, deixe que faça isso. Deixe que ela tenha instrução.

— Aprender? Aprender o quê, mulá *sahib*? — indagou Nana rispidamente. — O que há para ser aprendido? — E voltou os olhos para a filha.

Mariam ficou fitando as próprias mãos.

— Que sentido faz dar instrução a uma garota como você? — prosseguiu a mulher. — E como lustrar uma escarradeira. E, nessas escolas, você não vai aprender nada que preste. Só há uma coisa na vida que mulheres como você e eu precisamos aprender, e ninguém ensina isso nas escolas. Olhe para mim.

— Você não devia falar assim com ela, minha filha — observou o mulá Faizullah.

— Olhe para mim — insistiu Nana.

Mariam obedeceu.

— Só uma coisa: *tahamul*. A capacidade de suportar.

— Suportar o quê, Nana? — indagou a menina.

— Não se aflija com isso — retrucou Nana. — Não vão faltar exemplos.

E prosseguiu contando que as esposas de Jalil diziam que ela era feia, uma mísera filha de entalhador. Mandavam que ficasse lavando roupa do lado de fora, no frio, até o seu rosto ficar entorpecido e os seus dedos, queimados.

— E isso que a vida reserva para nós, Mariam — acrescentou. — Para as mulheres como nós. E suportamos. Temos de suportar. Está me entendendo? Além do mais, vão rir de você na escola. Vão, sim. Vão chamá-la de *harami*. Vão dizer coisas horríveis a seu respeito. Não vou permitir isso.

Mariam fez que sim com a cabeça.

— E não se fala mais nessa história de escola. Você é tudo o que tenho. Não quero perdê-la para essa gente. Olhe para mim. Não se fala mais nisso.

— Ora, vamos, seja sensata — principiou o mulá. — Se a menina quer...

— E o senhor, *akhund sahib*, com o devido respeito, não tem nada que ficar incentivando essas idéias bobas. Se quer realmente o bem de Mariam, deve lhe fazer ver que o lugar dela é aqui, nesta casa, com sua mãe. Não há nada que possa lhe interessar lá fora. Nada além de rejeição e sofrimento. Sei muito bem disso, *akhund sahib*. E como...

4

MARIAM ADORAVA QUANDO TINHA VISITA na *kolba*. O *arbab* do vilarejo com seus presentes, Bibi *jo* com seus quadris doloridos e seus intermináveis mexericos, e, é claro, o mulá Faizullah. No entanto, não havia ninguém, mas ninguém mesmo, que ela gostasse mais de ver do que Jalil.

A ansiedade começava nas noites de terça-feira. Mariam dormia mal, com medo de que algum problema nos negócios pudesse impedir Jalil de aparecer na quinta, pois, se isso acontecesse, ela ficaria mais uma semana inteira sem vê-lo. Na quarta-feira, a menina ficava andando de um lado para o outro no quintal, atirando a comida das galinhas para dentro do cercado sem prestar a mínima atenção ao que fazia. Saía para passeios sem rumo, e ia apanhando pétalas de flores e espantando os mosquitos que pousavam em seus braços. Finalmente, na quinta-feira, tudo o que conseguia fazer era ficar sentada, recostada na parede, com os olhos pregados no riacho, esperando. Se Jalil se atrasava um pouco, um medo terrível ia se apossando dela aos pouquinhos, até que sentia as pernas bambas e tinha de ir se deitar em algum lugar.

Finalmente, Nana gritava:

— Pronto, seu pai chegou. Em toda a sua glória...

Mariam se levantava de um salto assim que o avistava pulando sobre as pedras do riacho, todo sorrisos e acenos carinhosos. A menina sabia que Nana ficava de olho, espreitando cada reação sua, e ter de ficar parada ali, na porta, esperando, vendo-o se aproximar lentamente e não sair correndo ao seu encontro era algo que exigia um esforço considerável. Conseguia porém se conter e, com toda paciência, ficava observando Jalil atravessar o mato alto, com o paletó do terno pendurado no ombro e a brisa balançando a gravata vermelha.

Quando ele penetrava na clareira, atirava o paletó em cima do *tandoor* e abria os braços. Só então a menina se mexia, correndo enfim para ele a pegar por baixo dos braços e jogá-la para o alto. E Mariam gritava.

Lá de cima, via o rosto de Jalil ao contrário, o seu sorriso largo e meio retorcido, o seu bico-de-viúva, o furinho no queixo — perfeito para ela pôr a ponta do mindinho ali dentro —, e aqueles dentes tão brancos se

destacando num mundo de molares cariados. Ela gostava daquele bigode caprichado e gostava também do fato de seu pai usar sempre o mesmo terno quando vinha visitá-la, fosse qual fosse o tempo que estivesse fazendo — um terno marrom-escuro, sua cor favorita, com o triângulo branco do lenço saindo do bolso do paletó —, além de abotoaduras e gravata, em geral vermelha, cujo nó ele afrouxava. Mariam também podia ver a si própria, refletida nos olhos castanhos de Jalil: o cabelo ondulado, o rosto radiante de empolgação e o céu às suas costas.

Nana dizia que, qualquer dia desses, Jalil ia errar e Mariam ia escorregar por entre os seus dedos, cair no chão e quebrar um osso. Mas a menina não acreditava que Jalil fosse deixá-la cair. Tinha certeza de que sempre voltaria ao chão, com toda segurança, pelas mãos limpas e bem tratadas de seu pai.

Sentavam-se no quintal da *kolba*, à sombra, e Nana lhes servia chá. Os dois se cumprimentavam com um sorriso constrangido e um aceno de cabeça. Jalil nunca mencionou as pedras que Nana atirava, nem seus xingamentos.

Embora resmungasse muito quando Jalil não estava por perto, Nana se mostrava contida e delicada quando ele vinha visitar a filha. Estava sempre de cabelo lavado, escovava os dentes e usava seu melhor *hijab*. Sentava-se numa cadeira defronte dele, calada, com as mãos cruzadas no colo. Não o olhava diretamente e nunca usava expressões grosseiras quando ele estava por perto. Se ria, tapava a boca com a mão para esconder os dentes estragados.

Perguntava como iam os negócios. Perguntava também por suas esposas. Quando ela lhe disse que tinha ficado sabendo, por Bibi 70, que Nargis, a esposa mais jovem, estava esperando o terceiro filho, Jalil sorriu polidamente e assentiu com um gesto.

Bom, você deve estar feliz — observou Nana. — Quantos são ao todo? Dez, não é? *Mashallah!* São dez?

Jalil confirmou.

Onze, contando com Mariam, é claro! — acrescentou Nana.

Mais tarde, depois que ele já tinha ido embora, mãe e filha tiveram uma discussão por causa desse episódio. Mariam disse que ela tinha agido de má-fé.

Quando acabavam de tomar chá com Nana, Mariam e Jalil iam

pescar no riacho. Ele lhe ensinou como lançar o anzol, como enrolar a linha para fisgar a truta. Ensinou-lhe ainda o jeito certo de abrir uma truta para limpá-la e separar a carne da espinha de uma só vez. Desenhava para a filha enquanto esperavam que algum peixe mordesse a isca, e lhe mostrou como fazer um elefante com um único traço, sem sequer tirar a caneta do papel. Também lhe ensinava cantigas. Juntos cantavam:

*Bem no meio do caminho '
Tinha um tanque de passarinho.
Com muita sede,
Dona carpa foi se chegando,
Mas escorregou na borda do tanque
E acabou afundando.*

Jalil trazia recortes do *Ittifaq-i Islam*, o jornal de Herat, e lia as notícias para a filha. Ele era a sua ligação com o mundo lá fora, a prova de que havia muito mais coisas além da *kolba*, além de Gul Daman e até de Herat; havia um mundo com presidentes de nomes impronunciáveis, com trens, museus, futebol e foguetes que giravam pela órbita da Terra e aterrissavam na lua. Toda quinta-feira Jalil trazia consigo um pedacinho desse mundo para a *kolba*.

Foi ele quem lhe contou, no verão de 1973, quando Mariam estava com 14 anos, que o rei Zahir Shah, que havia governado o país por quarenta anos, tinha sido deposto por um golpe sem derramamento de sangue.

— O primo do rei, Daoud Khan, articulou o golpe enquanto Zahir Shah estava na Itália, para tratamento de saúde. Você se lembra de Daoud Khan, não é? Já lhe falei a seu respeito. Era o primeiro-ministro quando você nasceu. Bom, seja como for, o Afeganistão deixou de ser uma monarquia, Mariam. Agora, é uma república, e Daoud Khan é o presidente. Dizem que os socialistas de Cabul o ajudaram a tomar o poder. Não que ele próprio seja socialista, veja bem, mas eles o ajudaram. Pelo menos, é o que andam dizendo por aí.

Mariam lhe perguntou o que era um socialista, e Jalil começou a lhe explicar, mas a menina mal prestou atenção ao que ele dizia. — Está me ouvindo?

— Estou.

Jalil percebeu que ela tinha os olhos pregados no volume do bolso de seu paletó.

— Ah, é claro — exclamou ele. — Bom, aqui está. Não vamos discutir por isso...

Pegou uma caixinha e entregou-a a filha. De vez em quando, trazia um presentinho para ela. Certa feita, foi uma pulseira de cornalinas, outra, um colar com contas de lápis-lazúli. Nesse dia, ao abrir a caixa, Mariam viu um cordão com um pingente em forma de folha do qual pendiam moedinhas minúsculas com luas e estrelas gravadas.

— Vamos lá, experimente, Mariam *jo*. A menina obedeceu.

— O que acha? — indagou ela.

— Você está parecendo uma rainha — respondeu Jalil, todo sorridente.

Depois que ele já tinha ido embora, Nana notou o pingente no pescoço da filha.

— Isso é coisa dos nômades — exclamou. — Já os vi fazendo isso. Eles recolhem as moedas que as pessoas jogam fora e fazem bijuterias com elas. Quero só ver se o seu querido paizinho vai lhe trazer alguma coisa de ouro da próxima vez. Quero só ver...

Quando chegava a hora de Jalil ir embora, Mariam ficava parada na porta e o via se afastar pela clareira, infeliz com a idéia daquela semana inteira que, como algo imenso e irremediável, a separava da próxima visita de seu pai. Invariavelmente, prendia a respiração enquanto o via indo embora. Prendia a respiração e, mentalmente, contava os segundos, Fazia de conta que, para cada segundo que conseguisse ficar sem respirar, Deus lhe daria mais um dia com Jalil.

À noite, deitada na cama, ficava tentando imaginar como seria a casa dele em Herat. Tentava imaginar como seria morar ali, estar com ele diariamente. Podia até se ver estendendo-lhe a toalha quando ele acabasse de fazer a barba, avisando-o se por acaso se cortasse. Faria chá para ele. Pregaria os botões das suas roupas. Juntos, passeariam por Herat, passando pelas arcadas daquele bazar onde Jalil dizia que era possível encontrar qualquer coisa que se desejasse. Andariam de carro e, ao vê-los passar, as pessoas diriam: "Lá vai Jalil, com a filha." Ele lhe mostraria a célebre árvore debaixo da qual o poeta está enterrado.

Logo, logo, decidiu Mariam, contaria tudo isso a Jalil. E, quando ele a ouvisse, quando compreendesse como ela sentia a sua falta, com certeza a levaria consigo. Ia levá-la para Herat, para morar em sua casa, exatamente

como os seus outros filhos.

5

— JÁ SEI O QUE VOU QUERER — disse Mariam.

Era a primavera de 1974, e Mariam ia fazer 15 anos. Estavam os três no quintal da *kolba*, num canto sombreado perto dos salgueiros, sentados em cadeiras de armar dispostas na forma de um triângulo.

— De presente de aniversário — disse a menina. — Já sei o que vou querer.

— Já? — indagou Jalil, com um sorriso encorajador.

Duas semanas antes, incitado pela filha, Jalil tinha lhe falado de um filme americano que estava passando no seu cinema. Era um tipo especial de filme, que chamavam de desenho animado. O filme era composto por uma série de desenhos, milhares deles, que, quando transformados numa seqüência e projetados numa tela, davam a ilusão de que as imagens tinham movimento. Jalil lhe disse ainda que era a história de um velho fabricante de brinquedos que se sente muito só e deseja desesperadamente ter um filho. Faz então um boneco, um menino, que adquire vida por meio de magia. Mariam lhe pediu que contasse mais, e Jalil lhe disse que o velho e seu boneco passavam por todo tipo de aventuras, que havia um lugar chamado Ilha dos Prazeres e que uns meninos malvados eram transformados em burros. O velho e o boneco chegavam até a ser engolidos por uma baleia no final do filme. Mariam contou tudo isso ao mulá Faizullah.

— Quero que você me leve ao seu cinema — declarou a garota. — Quero ver o tal desenho animado. Quero ver o boneco que vira menino.

Ao dizer isso, Mariam sentiu algo estranho no ar. Viu seus pais se remexerem na cadeira. E pôde perceber que tinham se entreolhado.

Não acho que seja uma boa idéia — observou Nana. Sua voz estava calma, com aquele tom controlado e polido que ela usava quando Jalil estava por perto, mas Mariam notou o seu olhar duro, acusador.

Jalil voltou a se remexer na cadeira. Depois, tossiu, limpando a garganta.

— Sabe — disse ele —, a qualidade do filme não é lá essas coisas. O som também não é muito bom. E o projetor tem apresentado alguns problemas ultimamente. Talvez sua mãe tenha razão. Talvez seja melhor você

escolher outro presente, Mariam jo.

— *Aneh* — disse Nana. — Está vendo? Seu pai concorda comigo.

Mais tarde, quando estavam perto do riacho, Mariam pediu ao pai:

— Me leve.

— Sabe do que mais? Vou mandar alguém aqui para buscá-la e levá-la ao cinema. Arranjo um ótimo lugar e você pode comer quantas balas quiser.

— Não. Quero que *você* me leve.

— Mariam jo...

— E quero que convide também os meus irmãos. Quero conhecê-los. Ir ao cinema com eles. E isso que quero de presente.

Jalil suspirou. Tinha os olhos distantes, fitando as montanhas.

Mariam se lembrou de seu pai ter lhe contado que, na tela, o rosto de uma pessoa parece do tamanho de uma casa; que, quando havia um acidente de carro, dava quase para sentir na pele os destroços de metal. Imaginava-se sentada nos camarotes privativos, tomando sorvete, junto com os irmãos e com Jalil.

— É isso que eu quero de presente — repetiu. Jalil a fitou, com um ar desamparado.

— Amanhã. Ao meio-dia. A gente se encontra aqui mesmo. Está bem? Amanhã? — perguntou a menina.

— Venha cá — disse ele.

Jalil se agachou, puxou a filha para si e ficou ali, abraçado com ela, por um bom tempo.

De início, Nana ficou andando para um lado e para o outro, em torno da *kolba*, abrindo e fechando os punhos sem parar.

— De todas as filhas que eu podia ter tido, por que Deus foi me dar logo uma ingrata como você? E pensar em tudo que tive de agüentar por sua causa! Como ousa fazer isso? Como ousa me abandonar desse jeito, sua *harami* traidora?

Depois, assumiu um tom de deboche.

— Sua burra! Acha que ele liga para você, que vai querê-la em sua casa? Acha que ele a considera sua filha? Que vai levar você até lá? Ouça bem o que vou lhe dizer. O coração de um homem é uma coisa muito, muito perversa, Mariam. Não é como o útero de uma mãe. Ele não sangra, não se estica todo para recebê-la. Sou a única pessoa que a ama. Sou tudo o que

você tem no mundo, Mariam, e, quando eu tiver ido embora, não terá mais nada. Nada, entendeu? Porque você não é nada!

Em seguida, apelou para a culpa.

— Vou morrer se você for embora. O *jinn* vai se apoderar de mim e vou ter uma daquelas crises. Você vai ver só, vou engolir a língua e morrer. Não me deixe, Mariam *jo*. Por favor, fique comigo. Vou morrer se você for embora.

Mariam continuou calada.

— Você sabe que eu a amo, Mariam *jo*. Mariam disse que ia dar uma volta.

Tinha medo de dizer coisas duras demais se ficasse por ali: de dizer que sabia que essa história de *jinn* era mentira, que Jalil tinha lhe explicado que aquilo era uma doença que tinha nome e que existiam remédios que podiam fazê-la melhorar. Podia perguntar à mãe por que ela sempre recusou ir aos médicos de Jalil, embora ele insistisse muito nisso, e por que nunca tomou os remédios que ele comprou para ela. Se conseguisse articular os pensamentos, diria a Nana que estava cansada de ser um instrumento, de ouvir mentiras, de agüentar tantas reclamações, de ser usada. Diria que não suportava mais ver Nana distorcer a realidade de suas vidas e fazer dela, Mariam, mais uma de suas queixas com relação ao mundo.

"Você está com medo, Nana", era o que diria. "Medo de que eu possa encontrar a felicidade que nunca teve. E não quer que eu seja feliz. Não quer uma vida boa para mim. O seu coração é que é perverso."

Na borda da clareira, havia um mirante onde Mariam gostava de ficar. Nesse momento, estava sentada ali, na grama quente e seca. Podia-se ver Herat, espalhada lá embaixo como um daqueles jogos de tabuleiro: o Jardim das Mulheres, ao norte da cidade; o Char-suq Bazaar e as ruínas da antiga cidadela de Alexandre Magno, ao sul. Dava para ver os minaretes ao longe, como os dedos empoeirados de gigantes, e as ruas por onde, em sua imaginação, circulavam pessoas, charretes e mulas. Viu andorinhas descendo rápidas ou girando lá no céu. Como invejava essas aves... Elas já tinham estado em Herat. Tinham sobrevoado as suas mesquitas, os seus mercados. Talvez houvessem pousado nas paredes da casa de Jalil, nos degraus da entrada de seu cinema.

Pegou dez pedrinhas e arrumou todas elas na vertical, formando três colunas. Era uma brincadeira que fazia de vez em quando, se Nana não

estivesse por perto. Pôs quatro pedras na primeira coluna, representando os filhos de Khadija, três para os de Afsoon e três, na terceira coluna, para os filhos de Nargis. Acrescentou, então, uma quarta coluna. Uma décima primeira pedrinha, solitária.

Na manhã seguinte, Mariam pôs um vestido creme que lhe batia nos joelhos, calças de algodão e um *hijab* verde na cabeça. Ficou um pouco aflita com o *hijab*, porque, sendo verde, não combinava bem com o vestido, mas não havia outro jeito, pois o branco tinha sido roído pelas traças.

Olhou as horas no seu velho relógio de corda, com algarismos pretos sobre um mostrador verde, que o mulá Faizullah lhe dera de presente. Eram nove horas. Onde estaria Nana? Pensou em ir lá fora procurar pela mãe, mas tinha medo de uma briga, de ter de encarar aqueles olhares de censura. Nana a acusaria de traição. Debocharia de suas ambições equivocadas.

Sentou-se, então. Tentando fazer o tempo passar, ficou desenhando elefantes, um atrás do outro, daquele jeito que Jalil havia lhe ensinado, com um único traço. Já estava até doída de tanto ficar sentada ali, mas não queria se deitar com medo de amassar o vestido.

Quando afinal os ponteiros marcaram 11h30, Mariam pôs as 11 pedrinhas no bolso e saiu. No meio do caminho até o riacho, avistou Nana sentada numa cadeira, à sombra da copa abobadada de um salgueiro-chorão. Não saberia dizer se a mãe a tinha visto ou não.

Chegando ao riacho, ficou esperando no local combinado. No céu, umas poucas nuvens cinzentas que lembravam couves-flores iam passando. Jalil tinha lhe ensinado que as nuvens adquiriam aquela cor porque eram tão densas que a sua parte superior absorvia a luz do sol e projetava a própria sombra na parte de baixo. "O que se vê, Mariam *jo*, é isso", disse ele, "a escuridão na barriga das nuvens".

Algum tempo se passou.

Mariam voltou para a *kolba*. Dessa vez, deu a volta pelo lado oeste da clareira, evitando ter de passar por onde Nana estava. Olhou as horas. Era quase uma da tarde.

"Ele é um homem de negócios", pensou. "Deve ter acontecido alguma coisa."

Voltou então para o riacho e esperou por mais algum tempo. Havia uns melros voando em círculos lá no alto e mergulhando em algum lugar por ali. Ficou observando uma lagarta que ia se arrastando num espinheiro ainda

jovem.

Esperou até as suas pernas ficarem dormentes. Dessa vez, não voltou para a *kolba*. Arregaçou as calças até a altura dos joelhos, atravessou o riacho e, pela primeira vez na vida, desceu a colina rumo a Herat.

Nana também estava enganada a respeito de Herat. Ninguém ficava apontando para ela na rua. Ninguém ria. Mariam saiu andando pelas avenidas margeadas de ciprestes, barulhentas e apinhadas de gente; lá ia ela em meio a um fluxo denso de pedestres, ciclistas, charretes puxadas por mulas, e ninguém lhe atirou pedras. Ninguém a chamou de *harami*. Aliás, mal a olhavam. De uma forma inesperada, e maravilhosa, ali ela era uma pessoa comum.

Parou por um instante junto a um lago ovalado, no meio de um grande Parque todo recortado por caminhos calçados de pedrinhas. Deslumbrada, Passou os dedos pelos belíssimos cavalos de mármore que ficavam na beira do lago fitando a água com olhos opacos. Depois, voltou sua atenção para um grupo de garotos brincando com barquinhos de papel. Havia flores toda parte, tulipas, lírios, petúnias, com as pétalas banhadas pelo sol. As pessoas andavam pelos caminhos, sentavam-se nos bancos e tomavam chá.

Mariam mal podia acreditar que estava em Herat. Seu coração batia, entusiasmado. Adoraria que o mulá Faizullah pudesse vê-la naquele momento. Ele a acharia tão audaciosa... Tão corajosa... Ficou ali, inteiramente entregue à nova vida que estava a sua espera nessa cidade, uma vida com um pai e irmãos, uma vida em que seria amada e retribuiria esse amor, sem reservas ou dias marcados, sem se envergonhar.

Animada, saiu andando de volta para a ampla avenida próxima ao parque. Passou por velhos mercadores com o rosto curtido, sentados a sombra dos plátanos, que a fitavam impassíveis por detrás de pirâmides de cerejas e pilhas de cachos de uvas. Meninos descalços corriam atrás de carros e ônibus, agitando sacolas de marmelos. Mariam parou numa esquina e ficou olhando os passantes, sem conseguir entender como podiam ser tão indiferentes diante de todas aquelas maravilhas que os cercavam.

Algum tempo depois, tomou coragem e perguntou a um homem mais velho, que tinha uma *gari* puxada a cavalo, onde morava Jalil, o dono do cinema. Era um senhor bochechudo, usando um *chapan* de listras coloridas.

— Você não é de Herat, não é mesmo? — indagou ele com um jeito amistoso. — Todo mundo sabe onde Jalil Khan mora.

— Pode me dizer onde é? — insistiu a menina.

Ele pegou um caramelo embrulhado em papel laminado e perguntou:

— Esta sozinha?

— Estou.

— Suba aqui. Levo você até lá.

— Mas não posso lhe pagar. Estou sem dinheiro.

O velho lhe deu o caramelo e disse que, como não pegava um passageiro há duas horas, já estava mesmo pensando em voltar para casa. E Jalil morava bem no seu caminho.

Mariam subiu na charrete. Lá se foram eles, em silêncio, um ao lado do outro. Durante o trajeto, Mariam viu lojas de ervas e uns cubículos abertos onde as pessoas compravam laranjas e peras, livros, xales, e até mesmo falcões. Viu crianças jogando bolas de gude em círculos traçados no chão de terra. Diante das casas de chá, em estrados de madeira atapetados, viu homens tomando seu chá e fumando com narguilés.

O charreteiro dobrou uma esquina e parou o veículo mais ou menos na metade de uma rua margeada de coníferas.

— Chegamos. Parece que você deu sorte, *dokhtar jo*. O carro dele está aí. Mariam pulou do veículo. O velho lhe sorriu e foi embora.

Mariam nunca tinha posto a mão num carro antes. Passou os dedos pela capota do automóvel de Jalil, que era preto, reluzente, com rodas brilhantes onde, lisonjeada, viu refletida uma versão ampliada de si mesma. Os bancos eram estofados de couro branco. Por trás do volante, dava para ver uns mostradores redondos de vidro com ponteiros.

Por um instante, ouviu a voz de Nana soando em seus ouvidos, debochando, extinguindo a luz persistente das suas esperanças. Com as pernas bambas, aproximou-se da porta da frente. Apoiou as mãos no muro. Como eram altos, como eram assustadores os muros da casa de Jalil... Tinha de inclinar a cabeça bem para trás para conseguir enxergar as pontas dos ciprestes que se erguiam do outro lado. As árvores oscilavam ao vento e a menina imaginou que estariam acenando com a cabeça, para lhe dar as boas-vindas. Com isso, acabou se acalmando, apesar das ondas de desânimo que a percorriam.

Uma moça descalça veio abrir o portão. Tinha uma tatuagem sob o

lábio inferior.

— Vim ver Jalil Khan. O meu nome é Mariam. Sou filha dele.

Por um instante, um ar de surpresa se estampou no rosto da moça, e, depois, um lampejo de reconhecimento. Os seus lábios esboçavam, agora, um sorriso e havia ali um quê de curiosidade, de expectativa. Espere um pouco — disse a moça, apressada. E fechou o portão.

Alguns minutos se passaram até que um homem voltou a abri-lo. Era um sujeito alto, de ombros largos, com olhos sonolentos e um rosto tranqüilo. Sou o chofer de Jalil Khan — disse ele, com delicadeza. E o quê?

O motorista dele. Jalil Khan não está em casa. - Mas eu vi o carro — retrucou Mariam.

— O patrão teve de sair para resolver um negócio urgente.

— E quando vai voltar?

— Ele não disse.

Mariam afirmou que ficaria esperando.

O homem fechou o portão. A menina se sentou no chão, apertando os joelhos contra o peito. Já era de tarde e ela estava ficando com fome. Comeu o caramelo que o condutor da *gari* tinha lhe dado. Pouco depois, o motorista apareceu novamente.

— Você tem de ir para casa agora — disse ele. — Em menos de uma hora vai começar a escurecer.

— Estou acostumada com a escuridão.

— Vai esfriar também. Por que não deixa que eu a leve para casa?

Digo a ele que esteve aqui.

Mariam limitou-se a fita-lo.

— Vou levá-la então para um hotel. Lá você pode dormir com conforto. Amanha de manha, veremos o que podemos fazer.

— Deixe-me entrar na casa.

— Recebi instruções para não fazer isso. Olhe, ninguém sabe ao certo quando ele volta. Pode levar dias.

Mariam cruzou os braços.

O motorista suspirou e a fitou brandamente, mas com um ar de reprovação.

Ao longo dos anos, Mariam teve tempo de sobra para pensar no que poderia ter acontecido se houvesse deixado o motorista levá-la de volta para a *kolba*. Mas não deixou. Passou a noite diante da casa de Jalil. Viu o céu ir

escurecendo, as sombras engolirem as casas do outro lado da rua. A garota tatuada lhe trouxe pão e um prato de arroz, mas Mariam recusou. A garota pôs a comida ao seu lado. De quando em quando, Mariam ouvia passos na rua, portas se abrindo, saudações abafadas. Acenderam-se luzes e janelas adquiriram um brilho esmaecido. Cães latiam. Quando não conseguiu mais resistir à fome, comeu o arroz todo e o pão também. Depois, ouviu os grilos nos jardins. Lá no alto, nuvens passavam diante de uma lua pálida.

Pela manhã, alguém veio acordá-la. Mariam percebeu que, durante a noite, tinham lhe trazido um cobertor.

Era o motorista que a sacudia pelo ombro.

— Agora chega. Você já fez a sua cena. *Bas*. É hora de ir embora. Mariam se sentou esfregando os olhos. Tinha as costas e o pescoço doloridos.

— Vou esperar por ele — disse.

— Ouça bem — retrucou o homem —, Jalil Khan mandou que eu a levasse de volta. Agora mesmo, entendeu? Foi Jalil Khan que mandou.

Abriu a porta traseira do carro.

— *Bia*. Venha — disse em tom delicado.

— Quero vê-lo — exclamou Mariam, com os olhos marejados de lágrimas.

O motorista suspirou.

— Deixe que eu a leve para casa. *Vamos, dokhtar jo...*

Mariam se levantou e foi se dirigindo para o carro. De repente, no último momento, mudou de rumo e saiu correndo para a entrada do jardim. Sentiu a mão do homem tentando segurá-la pelo ombro. Conseguiu, porém, se desvencilhar e passou pelo portão aberto.

Durante aquele punhado de segundos em que esteve no jardim de Jalil, Mariam avistou uma estrutura de vidro reluzente, cheia de plantas, com trepadeiras subindo por treliças de madeira, um laguinho de peixes feito de lajotas de pedra cinzenta, árvores frutíferas e arbustos de flores coloridas por todo lado. O seu olhar passeou por tudo isso antes de vislumbrar um rosto, do outro lado do jardim, numa das janelas do andar de cima. Foi apenas um relance, pois o rosto ficou ali por um instante, mas foi o suficiente. O suficiente para ela ver os olhos arregalados, a boca aberta. Depois, aquela visão desapareceu. Alguém puxou um cordão às pressas. As cortinas se fecharam.

Foi então que duas mãos a seguraram pelas axilas erguendo-a do

chão. Mariam esperneou. As pedrinhas caíram de seu bolso. Ela continuou esperneando e gritando enquanto era levada até o carro e depositada no couro frio do banco de trás.

Durante todo o trajeto, o motorista foi conversando com ela, num tom que tentava ser reconfortante. Mariam, porém, não o ouvia: encolhida no banco de trás, só fazia chorar. Eram lágrimas de tristeza, de raiva, de desilusão. Mas, principalmente, lágrimas da mais profunda vergonha por ter sido tão boba, por ter confiado em Jalil, por ter se preocupado tanto com a roupa que deveria usar, com o fato de seu *hijab* não estar combinando com o vestido, por ter ido até lá, por ter se recusado a voltar para casa e dormido na rua, como um cachorro sem dono. Tinha vergonha também porque desconsiderou o jeito aflito de sua mãe e os seus olhos inchados. Nana, que tentou avisá-la, que tinha razão desde o começo...

Continuou pensando no rosto dele lá na janela do andar de cima. Ele a deixou dormir na rua. *Na rua*. Mariam chorava deitada no banco. Não quis se sentar para que ninguém a visse. Imaginava que, hoje de manhã, toda Herat já estaria sabendo a que ponto ela tinha se rebaixado. Adoraria que o mulá Faizullah estivesse ali, para poder deitar a cabeça no seu colo e deixar que ele a consolasse.

Depois de algum tempo, o chão foi ficando mais irregular e o capô do carro, mais empinado. Tinham chegado à estradinha que subia de Herat ate Gul Daman.

Mariam se perguntava o que diria a Nana. Como poderia lhe pedir desculpas? Como teria coragem de encará-la agora?

O carro parou e o motorista veio ajudá-la a saltar.

— Vou com você até lá — disse ele.

A menina se deixou levar pela estrada e, depois, pela trilha. Havia madressilvas pelo caminho, e asclépias também. As abelhas zumbiam em meio as flores silvestres reluzentes. O motorista lhe deu a mão para ajudá-la a atravessar o riacho. Depois, a soltou novamente. Estava dizendo que os celebres ventos dos 120 dias logo estariam chegando, soprando desde o meio da manhã até o anoitecer; que os mosquitos iam entrar naquele seu frenesi alimentar, mas, de repente, parou diante dela, tentando tapar os seus olhos, empurrando-a para o lado de onde tinham vindo e exclamando:

— Volte! Não! Não olhe agora. Vire-se! Volte!

Mas foi em vão. Mariam viu assim mesmo. Uma rajada de vento afastou as folhagens do salgueiro-chorão, como se abrisse uma cortina, e a menina avistou de relance o que estava do outro lado: a cadeira de encosto alto, caída no chão. A corda pendendo de um ramo mais alto. E Nana pendurada na outra ponta.

6

NANA FOI ENTERRADA num canto do cemitério de Gul Daman. Mariam ficou perto de Bibi jo, junto com as mulheres, enquanto o mulá Faizullah recitava preces ao lado do túmulo e os homens baixavam aquele corpo amortalhado a sepultura.

Depois, Jalil a levou até a *kolba* onde, diante dos aldeões que os acompanhavam, fez uma grande exibição de cuidado para com a filha. Recolheu alguns dos seus pertences e guardou tudo numa valise. Sentou junto à cama onde ela estava deitada e abanou o seu rosto. Acariciou a sua testa e, com uma expressão desolada, lhe perguntou se ela precisava de *alguma coisa, qualquer coisa* — foi assim mesmo que ele disse, repetindo as palavras.

— Quero o mulá Faizullah — disse Mariam.

— Claro. Ele está ali fora. Vou chamá-lo.

Foi só quando o vulto esguio e encurvado do mulá apareceu na porta da *kolba* que Mariam chorou, pela primeira vez naquele dia.

— Ah, Mariam *jo*...

O velho veio sentar-se ao seu lado e pegou o seu rosto com as mãos.

— Chore, Mariam *jo*. Chore. Não há vergonha nenhuma nisso. Mas lembre-se, minha filha, do que diz o Corão: "Bendito seja Aquele em cujas Mãos está o reino e que tem poder sobre tudo. Que criou a morte e a vida para testar-vos e saber quem de vós age melhor." O Corão diz a verdade, minha menina. Para cada tribulação e cada sofrimento que Deus nos faz enfrentar, Ele tem um motivo.

Mas Mariam não conseguia perceber consolo algum nas palavras de Deus. Não naquele dia. Não naquele momento. Tudo o que podia ouvir era a voz de Nana dizendo: "Se você for, eu morro. Simplesmente morro." Tudo o que podia fazer era chorar, chorar e deixar as suas lágrimas caírem nas mãos manchadas e encarquilhadas do mulá Faizullah.

No trajeto até sua casa, Jalil foi sentado no banco de trás do carro, com o braço passado nos ombros da filha.

— Pode ficar comigo, Mariam *jo* — disse ele. — Já mandei prepararem um quarto para você. No andar de cima. Acho que vai gostar. A

janela da para o jardim.

Pela primeira vez, Mariam podia ouvi-lo com os ouvidos de Nana. Agora era tão fácil perceber a falta de sinceridade que sempre esteve escondida por trás daquelas afirmações ocas e falsas. Não conseguia sequer olhar para ele.

Quando o carro parou diante da casa, o motorista abriu a porta para os dois e pegou a valise de Mariam. Jalil a conduziu para dentro, com as mãos nos seus ombros, passando pelo mesmo portão de grade onde, dois dias atrás, ela tinha dormido na calçada a sua espera. Dois dias atrás — quando o que Mariam mais queria no mundo era andar por esse jardim com Jalil, e, agora, isso tudo parecia ter acontecido numa outra existência. Como a sua vida podia ter dado tamanha guinada em tão pouco tempo, era o que tentava entender. Manteve os olhos no chão, acompanhando seus próprios passos pelo caminho calçado com pedras cinzentas. Sabia que havia outras pessoas por ali, murmurando, afastando-se para deixá-los passar. Sentia o peso de olhos que a fitavam lá das janelas do andar de cima.

Já dentro da casa, Mariam continuou de olhos baixos. Foi andando por um tapete cor-de-vinho, com desenhos octogonais azuis e amarelos que se repetiam formando um padrão; com o canto do olho, viu bases de mármore de estatuas, a parte inferior de vasos de flores, as bordas de tapeçarias ricamente coloridas penduradas nas paredes. A escada por onde subiram era larga e recoberta por um tapete do mesmo tipo, preso na base de cada degrau. No alto da escada, Jalil a levou para o lado esquerdo, passando por mais um longo corredor atapetado. Então ele parou diante de uma porta, abriu-a e deixou que ela entrasse.

— Às vezes, suas irmãs Niloufar e Atieh vêm brincar aqui — disse Jalil. — Mas, em geral, usamos esse quarto para os hóspedes. Acho que vai ficar bem instalada. É bonito, não é?

O quarto tinha uma cama com uma colcha verde estampada com flores, em casa de abelha, tecida em ponto miúdo. As cortinas, abertas para mostrar o jardim lá embaixo, eram do mesmo tecido da colcha. Ao lado da cama, havia uma cômoda com três gavetas e, sobre ela, um vaso de flores. Nas paredes, dispostos em prateleiras, havia porta-retratos com fotos de pessoas que Mariam não conhecia. Numa dessas prateleiras, a menina viu uma coleção de bonecas de madeira, idênticas, formando uma fila em ordem decrescente de tamanho.

Percebendo o seu olhar, Jalil disse:

— São bonequinhas *matrioska* que comprei em Moscou. Pode brincar com elas, se quiser. Não tem problema algum.

Mariam sentou na cama.

— Quer alguma coisa? — perguntou Jalil.

Mariam se deitou. Fechou os olhos. Pouco depois, ouviu ele encostar a porta com todo cuidado.

A não ser para ir ao banheiro, no corredor, Mariam ficou o tempo todo no quarto. A garota tatuada, aquela que tinha aberto o portão para ela, lhe trouxe as refeições numa bandeja: *kebab* de carneiro, *sabzi-*, o arroz com ervas e legumes, sopa *aush*. Os pratos voltaram quase intactos. Jalil passou por lá várias vezes, ao longo do dia. Sentava-se na cama, ao seu lado, e perguntava se estava tudo bem.

— Você podia ir comer lá embaixo, junto conosco — disse ele, mas sem muita convicção, e aceitou, talvez até depressa demais, quando a filha lhe disse que preferia comer sozinha.

Pela janela, Mariam olhava impassível aquilo que tanto havia imaginado e desejado ver a vida toda: as idas e vindas do cotidiano de Jalil. Pelo portão da frente, entravam e saíam criados, invariavelmente apressados. Tinha sempre um jardineiro podando arbustos, regando plantas na estufa. Carros de capôs compridos e reluzentes paravam diante da casa. Deles desciam homens de terno, com *chapans* e gorro de astracã, Mulheres usando *hijabs*, crianças bem penteadas. E ao ver Jalil apertar as mãos desses estranhos, cruzar as mãos no peito e acenar com a cabeça cumprimentando suas esposas, teve a certeza de que Nana tinha dito a verdade: o seu lugar não era aqui.

"Mas qual é o meu lugar? O que vou fazer agora?", pensou ela.

"Sou tudo o que você tem no mundo, Mariam, e, quando eu tiver ido embora, não terá mais nada. Nada, entendeu? Porque você não é nada!"

Como o vento soprando entre os salgueiros em torno da *kolba*, ondas de uma inexprimível melancolia a percorriam.

No segundo dia em que estava na casa de Jalil, uma garotinha entrou no quarto.

— Tenho de pegar uma coisa — disse ela.

Mariam sentou na cama, cruzou as pernas e se cobriu com a colcha ate a cintura.

A menina atravessou o quarto e abriu a porta do armário. Tirou dali uma caixa quadrada de cor cinza.

— Sabe o que é isso? — perguntou, abrindo a caixa. — Chama-se gramofone. *Gramo. Fone*. Isso toca discos. Música, sabe? É um gramofone.

— Você e Niloufar. E tem oito anos.

A garotinha sorriu. Tinha o sorriso de Jalil e o mesmo queixo furado.

— Como sabe? — indagou ela.

Mariam deu de ombros. Não disse a menina que tinha dado o nome dela a uma pedrinha.

— Quer ouvir uma canção? Mariam deu de ombros novamente.

Niloufar ligou o toca-discos. Pegou um disquinho numa espécie de estojo debaixo da tampa da caixa. Pôs o disco no lugar e baixou a agulha sobre ele. A música começou.

*Como papel, vou usar uma pétala de flor,
e escrever a mais doce das cartas,
Você e o sultão do meu coração,
o sultão do meu coração.*

— Conhece essa música? — perguntou Niloufar.

— Não.

— É de um filme iraniano. Passou no cinema do meu pai. Ei, quer ver uma coisa?

Antes que Mariam pudesse responder, Niloufar pôs as palmas das mãos e a testa no chão. Deu impulso com os pés, e, de repente, lá estava ela, de cabeça para baixo, plantando bananeira.

— Você consegue fazer isso? — indagou ela com a voz abafada.

— Não — respondeu Mariam.

Niloufar baixou as pernas e puxou a blusa de volta para o lugar.

— Posso lhe ensinar — disse, tirando o cabelo da testa afogueada.
— Quanto tempo vai ficar aqui?

— Não sei.

— Minha mãe disse que você não é minha irmã de verdade, como diz que é.

— Eu nunca disse isso — mentiu Mariam.

— Minha mãe disse que sim. Mas não me importo. Quero dizer, para mim não faz a menor diferença se você disse isso, ou se você é mesmo minha irmã. Não me importo.

— Agora, estou cansada — disse Mariam, deitando-se.

— Minha mãe disse que um *jinn* fez a sua mãe se enforcar.

— Pare com isso agora, por favor — exclamou Mariam, virando para o outro lado. — Com a música.

Nesse mesmo dia, Bibi jo veio visitá-la. Estava chovendo quando ela chegou. Com uma careta, baixou o corpo volumoso para se sentar na cadeira ao lado da cama.

— Ah, Mariam jo, essa chuva é a morte para as minhas articulações. A morte, pode acreditar. Espero... Ah, venha cá, querida. Venha com Bibi jo. Não chore. Isso, assim... Coitadinha. *Tsk, tsk*. Coitadinha.

Naquela noite, Mariam custou muito a pegar no sono. Ficou deitada na cama, olhando para o céu, ouvindo passos no andar de baixo, vozes abafadas pelas paredes e a chuva castigando a janela. Quando cochilou, acordou assustada ouvindo gritos. Eram vozes que vinham do andar térreo, ríspidas, zangadas. Não conseguia distinguir o que diziam. Uma porta bateu.

Na manhã seguinte, o mulá Faizullah veio visitá-la. Quando viu seu amigo na porta, com aquela barba branca e o seu afável sorriso dentado, Mariam sentiu que as lágrimas voltavam a lhe escorrer pelos cantos dos olhos. Sentou-se na cama e correu ao seu encontro. Como sempre, beijou a sua mão e ele, a sua testa. Puxou uma cadeira para o mulá se sentar.

Ele lhe mostrou o Corão que tinha trazido e o abriu dizendo:

— Acho que não há motivo para interrompermos nossa rotina, não é mesmo?

— O senhor sabe que não preciso mais de lições, mulá *sahib*. Já me ensinou todas as suras do Corão e cada um dos seus *ayats* durante esses anos.

Ele sorriu e ergueu as mãos num gesto de capitulação.

— Então, tenho de confessar que foi só o que me ocorreu. Mas não poderia encontrar desculpa pior para vir vê-la.

— O senhor não precisa de desculpas. Não o senhor.

— Muita gentileza sua dizer isso, Mariam jo.

Entregou-lhe o Corão. Como o mulá tinha lhe ensinado, a menina o beijou três vezes — tocando a própria testa com o livro entre cada beijo — e o devolveu ao seu velho amigo.

— Como vai indo, minha filha?

— Continuo... — principiou Mariam, mas teve que parar, pois sentia como se uma pedra enorme tivesse ficado entalada em sua garganta. —

Continuo pensando no que ela me disse antes de eu vir para cá. Ela...

— Nã, *nã, nã*... — disse o mulá Faizullah pondo a mão no joelho da menina. — A sua mãe, que Allah possa perdoá-la, era uma mulher perturbada e infeliz, *Mariam jo*. Ela fez algo terrível consigo mesma. Consigo mesma, com você, e também com Allah. Sei que Ele a perdoará, pois é misericordioso, mas Allah ficou muito triste com o que ela fez. Ele não aprova que se tire uma vida, seja a dos outros ou a nossa própria, pois Ele diz que a vida é sagrada. Veja, *Mariam jo* — prosseguiu o velho, segurando a mão da menina entre as suas. — Veja. Conheci sua mãe antes de você nascer e posso lhe dizer que, nessa época, quando ainda era uma garotinha, ela já era infeliz. Acho que a semente do que veio a fazer foi plantada há muito tempo. O que estou tentando dizer é que você não tem culpa de nada disso. Não foi culpa sua, minha filha.

— Eu não devia ter deixado ela lá sozinha. Devia ter...

— Pare com isso. Esses pensamentos não são bons, *Mariam jo*. Está me ouvindo, minha filha? Não são nada bons. Eles vão destruí-la. Não foi culpa sua. Não foi mesmo.

Mariam assentiu com um gesto. Por mais que quisesse, porém, e queria muito, não conseguia acreditar nele.

Certa tarde, uma semana depois, bateram a porta e uma mulher alta entrou no quarto. Tinha a pele clara, cabelos avermelhados e dedos longos.

— Sou *Afsoon* — disse ela. — A mãe de *Niloufar*. Por que você não vai se lavar, *Mariam*, e desce comigo?

Mariam disse que preferia ficar no quarto.

— Não, *na fahmidi*, você não está entendendo — retrucou a mulher. — Você *tem* que descer. Precisamos ter uma conversa. É importante.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Cidade do Sol"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).